DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v3i3p35-56

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

Isaias Holowate*

Resumo: A eugenia surgiu no final do século XIX como a ciência do aprimoramento da espécie humana. Seus defensores acreditavam que, através da seleção dos indivíduos considerados como eugenicamente superiores e da restrição à reprodução dos indivíduos não-eugênicos, seria possível promover um melhoramento da espécie. Os discursos eugenistas foram apropriados por pensadores de diversas regiões do mundo, sendo ressignificados para atender às necessidades das culturas locais. Em Ponta Grossa, no Paraná, os pressupostos eugenistas foram defendidos por um grupo de pensadores proveniente da burguesia urbana, que colaboravam com o periódico Diário dos Campos, havendo uma multiplicidade de representações sobre a eugenia defendidos na publicação. A pesquisa busca analisar a representação sobre a eugenia produzida pelo colaborador do jornal José Martins Pinto, que apresentava diversas aproximações com princípios defendidos pela eugenia negativa. A partir das investigações, busca-se refletir sobre as características da representação produzida por esse personagem em relação ao discurso de outros colaboradores do periódico, e embasados na teoria das representações do historiador Roger Chartier, compreender as ressignificações produzidas por esse indivíduo e as aproximações com os discursos produzidos sobre o tema no meio nacional e internacional.

Palavras-Chave: Eugenia; História Cultural; Jornal Diário dos Campos; Representações.

-

 $^{^{}st}$ Graduando em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Contato: isaiasholowate@gmail.com.

Isaias Holowate

Introdução

O jornal *Diário dos Campos* é o periódico mais antigo em atividade na cidade de Ponta Grossa. O jornal foi fundado em 27 de abril de 1907, inicialmente intitulado como Jornal *O Progresso*, com uma tiragem inicial de 300 exemplares (O PROGRESSO, 27 abr. 1907, p. 1).

A publicação foi fundada por Jacob Holzmann, um imigrante russo-alemão que chegou à cidade no final do século XIX. Holzmann foi membro de uma burguesia atuante na cidade, um dos fundadores da *Companhia Tipográfica Pontagrossense* e personagem influente das discussões políticas locais, tendo sido considerado por José Cadilhe como o "Fundador da Imprensa de Ponta Grossa" (CHAVES, 2011, p. 29). O jornal, inicialmente publicado quinzenalmente após poucas edições, passou a ser publicado a cada três dias. O objetivo do periódico era promover a sociedade local, divulgando as peculiaridades da cidade, tal como afirma Chaves (2011, p. 30):

[o objetivo do periódico era divulgar] os acontecimentos políticos; as atrações culturais; a vida social; os avanços urbanos e tecnológicos e os problemas decorrentes de tais avanços; os acontecimentos fortuitos e pitorescos; quem chegava e quem partia; tudo era objeto das colunas publicadas em *O Progresso*.

A publicação acompanhava, refletia, questionava e debatia os mais variados acontecimentos aos quais a sociedade ponta-grossense entrava em contato naquele período.

Tendo surgido em uma época de industrialização da cidade, o jornal foi conquistando espaço no público dos Campos Gerais¹ na medida em que a cidade foi aumentando sua influência na região (REIS, 9 Out. 1915, p. 1), e se tornou o jornal de maior circulação local. Numa época em que alguns grupos sociais se apropriavam dos ideais progressistas, o

¹ A região dos Campos Gerais no Paraná ocupa uma faixa de território do Segundo Planalto paranaense, entre o Planalto Curitibano e o Planalto de Guarapuava. Caracteriza-se por ser uma região campeira, que durante os séculos XVIII e XIX, foi ocupada pela economia tropeira, com a instalação das fazendas de engorda dos animais que passavam pela região.

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

periódico surgiu, nas palavras de Jacob Holzmann², "pequerrucho", mas com "o progresso" até no título (HOLZMANN, 27 abr. 1915, p. 1).

Em 1º de janeiro de 1913 o jornal, agora de propriedade da *Companhia Tipográfica Pontagrossense*, se tornou finalmente um diário, passando a se chamar *Diário dos Campos*, o que demonstra a aceitação da publicação por parte dos leitores (DIÁRIO DOS CAMPOS, 01 jan. 1913, p. 1).

Apesar de ter pertencido a diversos proprietários, a publicação teve desde 1908 a presença de uma figura marcante nas atividades do periódico. Vindo do Rio de Janeiro por motivos de saúde, Hugo dos Reis³ assumiu a redação do jornal, ao qual imprimiu características próprias. Defensor do espiritualismo científico⁴ foi um grande combatente em favor das causas sociais e sempre se posicionou defendendo bandeiras relativas à melhoria da educação e da saúde.

Hugo dos Reis, enquanto esteve à frente da publicação, permitiu a existência de uma diversidade de discursos em relação às questões sociais e raciais brasileiras, inclusive permitindo a publicação de pensamentos opostos às suas convicções (HOLZMANN, 2004, p. 30).

Além da figura central de Hugo dos Reis, a publicação contou, naquela época, com a presença de vários colaboradores, sendo que a maioria deles pertenciam à crescente burguesia urbana de Ponta Grossa. Julio Xavier e Flávio Carvalho Guimarães eram advogados.

² Na edição de 27 de abril de 1915 do *Diário dos Campos*, foram comemorados os 8 anos da publicação. Nessa edição, Jacob Holzmann publicou um editorial em que parabeniza o crescimento e a persistência da publicação, e relembra o surgimento do jornal.

³ Hugo dos Reis nasceu em Valença, Estado do Rio de Janeiro, em 10 de dezembro de 1884, e migrou para Ponta Grossa, em 1908, por recomendação médica. Atuou entre 1908 e 1921 como redator literário, redator, gerente e proprietário do períodico *Diário dos Campos*. Saiu da publicação em 1921, tendo comprado algumas terras em Tibagi, onde buscou desenvolver a agricultura. Retornou em 1925, fundando o jornal *O Comércio*, voltado para a modernização do setor comercial da cidade. Retirou-se para o interior de São Paulo, tendo morrido em meados da década de 1930 (HOLZMANN, 2004).

⁴ Espiritualismo científico é a uma corrente ideológica que atingiu boa parte da intelectualidade brasileira no final do século XIX e início do século XX. Partindo do movimento Kardecista, teve notoriedade na segunda metade do século XIX, após a morte de Allan Kardec, e a primeira metade do século XX. Seus propagadores associavam o discursos espiritualista com científico e que deveria ser compreendida no sentido estrito da palavra. Segundo Maldonado, "boa parte da intelectualidade brasileira do século XIX interessou-se pela doutrina espírita e até mesmo converteu-se a ela". (MALDONADO, 2008, p. 11).

Isaias Holowate

Francisco Barbosa Maciel que assinou dezenas de publicações polêmicas sobre a possibilidade de uma eugenização cultural e afirmava ter experiência na Real Universidade de Berlim, era médico.

O colaborador José Martins Pinto aparece apenas na edição 1.098 do periódico assinando o artigo intitulado "Selecção", aceito e publicado nas páginas do jornal no dia 4 de julho de 1914, às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Seu posicionamento possui diversas peculiaridades em relação aos discursos sobre a eugenia mais aceitos na sociedade brasileira e ponta-grossense naquele momento, pois o autor defende princípios sobre a eugenia que não estavam em acordo com o discurso majoritário dos colaboradores da publicação que possuiam aproximações com o discurso neolamarckista⁵ e um eugenismo que priorizava atuação no meio como forma de influir no aprimoramento da raça (HOLOWATE, 2016). O discurso de Martins representa uma forma distinta de ressignificação dos pressupostos de eugenia e raça, que o autor constrói a partir de um amálgama entre diversas teorias que estavam em voga naquela época.

Como vemos, a fonte de pesquisa utilizada consiste de discursos publicados no jornal *Diário dos Campos*, em Ponta Grossa. A pesquisa com esse tipo de fonte, tem se tornado mais comum nas últimas décadas, principalmente após a diversificação das fontes e métodos de pesquisa promovidos pela terceira geração da *Escola dos Annales* (LE GOFF e NORA, 1978, p. 11-12).

Luca (2011, p. 111-153) aponta para os avanços na pesquisa em jornais, que se tornaram uma importante fonte de pesquisa para diversas áreas. Os documentos jornalísticos contém uma diversidade de representações sobre seu tempo e apresentam uma

⁵ O lamarckismo foi a teoria da evolução pela transmissão dos caracteres adquiridos surgida em 1809 a partir dos estudos do Francês Jean Baptist Lamarck (1744-1829). Lamarck afirmava que os seres humanos tendem a se aperfeiçoar, desde os seres menos complexos até os mais complexos. O estímulo para a evolução seria externo, ou seja, o meio em que os organismos vivem. A evolução, contudo, não ocorreria por si mesma, mas sim através de uma lei de uso e desuso, em que um órgão ou uma parte do corpo utilizado constantemente tenderia a evoluir, enquanto que outro que não fosse utilizado tenderia a se atrofiar. Segundo ele, a evolução do indivíduo seria passada a seus descendentes. Por sua vez, o termo neolamarckismo foi utilizado pela primeira vez por Alpheus Packard, em 1885 e corresponderia a uma forma moderna de lamarckismo, designando uma série de fatores da evolução orgânica (MARTINS, 2004, p. 282).

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

variedade de possibilidades de pesquisa, pois, tais documentos, além de serem uma ferramenta comunicativa, trazem consigo os usos sociais da notícia e - longe de serem imparciais - revelam interesses aos quais essas publicações defendem. Estudar o jornal pode possibilitar uma melhor compreensão das formas com que determinados grupos, pertencentes a uma determinada cultura, representavam a sua realidade.

A pesquisa em periódico envolve a reconhecimento da fonte como uma ferramenta que constrói uma realidade, ao mesmo tempo em que é influenciado pelo meio social, realizando uma constante troca de informações. O jornal, ao mesmo tempo em que influência a opinião de seus leitores, também é influenciado pelos grupos que acessam à publicação, sejam eles os patrocinadores, produtores, colaboradores ou consumidores. Sobre os usos sociais do jornal, Pontes e Silva, (2012, p. 52) defendem que:

Tendo a capacidade de mobilizar ou de garantir a construção subjetiva do "informado" o jornal deve ser vito como um campo de disputas políticas, econômicas e, principalmente, culturais. Os grupos são influenciados pelos jornalistas e também se articulam para exercer influência na mídia noticiosa [...]. A mídia noticiosa possui um próprio modo de afirmar a realidade que retrata/constrói e isso acontece em negociação com os receptores.

Portanto, a pesquisa em jornal deve considerar o periódico como um documento histórico e submeter esses documentos ao crivo de uma pesquisa que envolva a utilização do método, considerando o jornal como um documento e como uma construção histórica. Sobre os aspectos metodológicos de pesquisa nos jornais, Luca (2011, p. 140) afirma que:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. [...] Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas. [...] A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou a revista pretende atingir.

Para o estudo sobre as representações produzidas no periódico parte-se do pressuposto defendido pela História das Representações de que os significados das representações são socialmente construídos, concordando com Roger Chartier (1990, p. 16) quando ele aponta para a necessidade de se "identificar o modo como em diferentes lugares

Isaias Holowate

e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler". Compreende-se que na representação "o real assume [...] um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é" (CHARTIER, 1990, p. 62).

Deixa-se para trás, portanto, a dualidade verdade/ficção para pensar a História das Representações do real através da relação signo – significado "entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objecto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme" (CHARTIER, 1991, p. 184).

Sendo o jornal como um documento histórico, a análise das representações busca compreender os fatores que determinam os discursos do periódico, e suas especificidades, desde seu formato, abrangência, apresentação, paginação, até a estrutura das matérias, colaborações, hierarquias discursivas e debativas, além de analisar o contexto e texto em que tais matérias forma publicadas, buscando realizar um estudo das representações produzidas por Martins sobre a sociedade ponta-grossense, analisando a forma com que o indivíduo pensa, pratica e representa a realidade.

O surgimento da eugenia e suas ressignificações

Os pressupostos da eugenia foram publicados inicialmente em 1869, quando o antropólogo inglês Francis Galton (1822-1911) no livro *Hereditarius Genius* defendeu a tese de que era não apenas possível, mas também necessário o desenvolvimento de uma ciência dedicada ao aprimoramento da espécie humana. Os preceitos básicos da ciência aparecem já nas primeiras linhas da obra, quando Galton (1869, p. 1) defende que:

As habilidades naturais de um homem são derivadas por hereditariedade [...] Consequentemente, assim como é fácil [...] obter por meio de cuidadosa seleção uma raça de cães ou cavalos dotada de capacidade peculiar para correr, ou de qualquer capacidade, seria também perfeitamente praticável reproduzir uma raça de homens altamente dotada promovendo casamentos criteriosos ao longo de várias gerações consecutivas.

O termo *eugenia*, que possui origem do grego e significa "bem-nascido", surgiria apenas em 1883, cunhada por Galton. A eugenia embasa-se em princípios científicos da época, e também privilegia a importância da aplicação na sociedade dos fundamentos eugenistas.

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

Segundo ele, as características humanas – sociais, intelectuais – eram transmitidas biologicamente e, portanto, eugenização deveria ocorrer a partir do aprimoramento pela seleção das características hereditárias desejáveis.

Portanto, segundo Galton, seria possível melhorar a raça a partir de cruzamentos selecionados, tanto estimulando que grupos com atributos superiores cruzassem entre si, quanto evitando que inferiores proliferassem. Dessa forma, cada vez mais haveria indivíduos de raças superiores e menos de raças inferiores até o desaparecimento destes últimos.

Galton também se posicionava de forma contrária à miscigenação, pois, segundo ele, a ela conduziria à degeneração. Para ele, o ato de cruzamento de um indivíduo inferior com um superior, fatalmente produziria indivíduos aos quais ele considerava degenerados, como os alcoólatras, doentes, prostitutas, entre outros.

O discurso eugenista atingiu uma grande quantidade de intelectuais, médicos e cientistas na primeira metade do século XX, em diferentes regiões do mundo. Contudo, a teoria foi modificada ao ser ressignificada por esses pensadores, de forma a atender os interesses dos grupos aos quais eles faziam parte. As transformações sofridas pela eugenia durante o processo de apreensão de seus signos por diversas culturas produziram uma diversidade de representações sobre o tema, o que está em acordo com a teoria das representações, que afirma que as representações de um signo são influenciadas pelo ambiente ao qual este entra em contato. Nas palavras de Chartier (1990, p. 52):

A passagem de um sistema de representações a outro pode, desde logo, ser entendida simultaneamente como uma ruptura radical (nos saberes, mas também nas próprias estruturas do pensamento) e como um processo feito de hesitações, de retrocessos, de bloqueios [...].

A diversidade das ressignificações sobre a teoria de Galton deu origem a uma variedade de discursos e práticas sobre o tema. Nesse aspecto, a distinção entre a eugenia negativa e eugenia positiva foi apresentada pela primeira vez em 1909, no livro *Parenthood and Race Culture*, do médico inglês C.W. Saleeby, na qual o autor defende que:

It is necessary to be reasonable, and, in seeking the superman, to remain at least human. Now if we were to achieve any immediate success we must clearly divide our proposals, as the present writer did some years ago, with Mr.

Isaias Holowate

Galton's approval, into two classes: positive eugenics and negative eugenics. The one would seek to encourage the parenthood of the most desirable, the other to discourage the parenthood of the least desirable (SALEEBY 1909, p. 199).

A eugenia positiva tinha por objetivo central possibilitar um aumento da quantidade de indivíduos que eram considerados aptos para o melhoramento da espécie. Os meios de melhoramento se davam através da seleção eugênica na orientação dos casamentos e o estímulo à procriação dos bem-nascidos. No viés da eugenia positiva, a seleção matrimonial, visava estimular a reprodução de indivíduos representantes da "synthese feliz de qualidades superiores de temperamento e de inteligencia" (VIANA, 1930, p. 3).

A eugenia negativa tinha por objetivo evitar a propagação indivíduos considerados degenerados através do um controle mais rígido sobre os casamentos e a reprodução, defendendo a exigência de exames pré-nupciais, desaconselhando o casamento entre indivíduos que possuíssem características disgênicas, como idade avançada, consanguinidade, disfunções físicas ou mentais e doenças às quais os eugenistas julgavam passarem características negativas hereditariamente, como a sífilis, a tuberculose, as doenças mentais, entre outras. Defendia-se também o aborto eugênico, a segregação e esterilização de doentes mentais e outros degenerados (MAI e ANGERAMI, 2006, p. 254).

Nos EUA a eugenia negativa recebeu um grande impulso com a atuação do eugenista Charles Davenport, fundador do *Eugenics Record Office*, em 1910. Davenport defendeu a proibição de casamentos interraciais, a diminuição da imigração nos EUA para evitar o contato com supostas raças inferiores e sob sua liderança, milhões de norte-americanos foram listados eugenicamente (BLACK, 2003)⁶ e "estima-se que mais de 50 mil pessoas tenham sido esterilizadas, nos Estados Unidos, entre os anos de 1907 a 1949" (DIWAN, 2007, p. 57).

_

⁶ Edwin Black (2003), no livro *Guerra contra os fracos*, demonstra como os ideais eugenistas floresceram na América do Norte, sua fortalecimento e aceitação por parte de alguns grupos, com objetivo da promoção de uma raça superior, fazendo também uma reconstrução da associação das práticas eugenistas dos EUA com as medidas tomadas pelo nazistas durante o genocidio.

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

Nas sociedades latinas houve uma apropriação do pensamento eugenista bastante diferente das ideias presentes na obra de Galton e da eugenia estadunidense (STEPAN, 2005, pp. 45-69). A preferência por um discurso eugenista que defendia a existência de uma influência do meio social no aprimoramento da raça, pautado em um viés neolamarckista não excluía a presença da teoria darwinista nas representações da eugenia e, de acordo com Stepan (2005, p. 123) "a leitura feita dependia das circunstâncias locais e de fatores ideológicos".

Da mesma forma, a apropriação feita por um pensador brasileiro, ou de qualquer outro país da América Latina fazia das publicações eugenistas, era influenciado pelas suas experiências sociais anteriores com a cultura ao qual pertencia. Assim, muitos cientistas brasileiros não faziam uma diferença expressiva entre o neolamarckismo e a hereditariedade. Como afirma Stepan (2005, p. 90) "O estilo eclético de boa parte das obras sobre a eugenia e o uso indiscriminado das fontes [...] indicam que muito poucos médicos viam qualquer incompatibilidade entre o neolamarckismo e outros tipos de hereditariedade".

O historiador Marco Antonio Stancik, ao afirmar a existência de ressignificações do discurso eugenista no âmbito brasileiro, defende que:

Se a eugenia desenvolveu-se como uma ciência e um movimento social cuja meta primordial era o aprimoramento da raça humana, no Brasil ela incorporou, durante certo período, a esperança de que as condições do meio ambiente teriam repercussão sobre o patrimônio hereditário. Acreditando que a miséria e as doenças comprometiam não apenas as condições físicas e mentais dos indivíduos a elas expostos, mas também à sua prole, os defensores do saneamento clamavam pela urgência de se transformar aquela realidade (STANCIK, 2005, p. 52).

Do amálgama entre a eugenia, a teoria da evolução natural, as representações do pensamento neolamarckista e a hereditariedade, surgiriam no Brasil representações sobre a eugenia com características próprias, e em muitos aspectos até mesmo opostas às ideias originais (STEPAN, 2005, p. 213). Caracterizavam-se por uma valorização da ação do cientista no meio natural e social, de forma a eliminar os "venenos raciais" e promover uma melhora

Isaias Holowate

nas condições de vida da população através de medidas higiênicas, do puericulturismo⁷ (JANZ JUNIOR, 2012, p. 147), e no âmbito local, também da defesa de discursos de intervenção nos indivíduos percebidos como degenerados através de ressignificações da antropometria e do estímulo à instrução da população.

A sociedade ponta-grossense e a eugenia

No momento em que as representações da eugenia começam a surgir nas páginas do *Diário dos Campos*, a região dos Campos Gerais passava por um período de intensa imigração que trouxe pessoas de diversas nacionalidades possibilitando a existência de uma sociedade caracterizada por uma multiplicidade cultural. A população ponta-grossense passou entre o final do século XIX e o início do século XX, de 4.774 habitantes de acordo com o Censo de 1890, para 20771 no Censo de 1920 (PINTO, 1980, p. 61). Esse aumento populacional possibilitou uma dinamização da economia da região, pois os recém-chegados que migraram para a área urbana funcionavam como mão de obra barata e público consumidor para as crescentes fábricas. Ao mesmo tempo, a urbanização ponta-grossense permitiu o surgimento de um florescente e diversificado comércio de alimentos e produtos beneficiados como madeira e tecidos.

As transformações econômicas ocorreram contiguamente ao fenômeno de urbanização da cidade, provocando uma modificação estrutural na sociedade. Nesse período, estabelecese uma distinção mais clara entre o rural e o urbano (PEREIRA, 1996, pp. 97-115), criando-se com a urbanização e a industrialização um sentimento de identidade urbana. A atuação na cidade, associado cada vez mais à riqueza e ao progresso, acentua e diferencia o meio rural da urbanidade ponta-grossense. Tal como afirma Zulian (1998, p. 40):

⁷ Puericultura consistia em uma série de cuidados da futura mãe e do bebê desde o ato sexual até os primeiros anos de vida da criança, tais como o exame pré-natal e os manuais puericulturistas. Estes buscavam ensinar as mães a tratar das necessidades das crianças nos primeiros anos de vida. Os médicos, principais escritores desses manuais, acreditavam que uma das principais causas da mortalidade infantil era o desconhecimento das mães sobre as práticas puericulturistas e buscavam na melhoria da atuação das futuras mães um melhoramento das condições da infância. Thomaz (2014, p. 61) afirma que "A puericultura fez parte do esquema de higiene social [...] para aumentar e melhorar a saúde de sua população, ou seja, apresentava fortes características eugênicas".

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

Transformações sensíveis na estrutura social e econômica vão se evidenciando na Ponta Grossa do fim do século, que se manifestam na concentração urbana e em contraste com a dispersão rural de proprietários em busca de outro tipo de atividade. Em função destas transformações, Ponta Grossa, que parecia confundir-se com o campo que a invadia, assume "ares de cidade".

O fenômeno da urbanização que ocorreu em Ponta Grossa no final do século XIX e início do século XX modificou também o imaginário da cidade. Anteriormente, além de serem pequenas e quase indistintas da área rural, elas também se caracterizavam por uma dependência em relação à economia das fazendas e do tropeirismo, ambas as atividades principalmente rurais.

A partir do final do século XIX, com a urbanização e industrialização, a população campestre orbita a cidade, que passa agora a ser um local de atração. A cidade é o lugar do progresso, por excelência. Lá se discutia política e sociedade, se comercializava matérias-primas e produtos industrializados, e uma parcela da população se divertia nos lugares morigerados⁸ ou não. Estar na cidade era um símbolo de status superior para os grupos modernizantes da população.

Nessa época, muitos dos filhos de fazendeiros partiam em direção às capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, onde realizavam seus cursos de bacharéis, e após retornarem à região, assumiam postos de empregos públicos e cargos na política pontagrossense (LEANDRO, 1995, p. 13). Essa injeção de ideias seria uma das responsáveis pelo aparecimento de um grupo de "intelectuais locais" que debatiam teorias cientificistas nas páginas do jornal e as discussões sobre as questões sociais na ponta-grossense. Segundo os historiadores Chaves e Karvat (2013, p. 2), o grupo dos "intelectuais locais", era constituído por:

Notadamente escritores, que se pautando em diferentes leituras, autores e referências, participaram ativamente das discussões locais. Cabe ressaltar que

⁸ O termo "morigerado" era frequentemente utilizado na sociedade paranaense do século XIX para referir-se aos indivíduos cujas qualidades eram defendidas pelas elites socieconômicas. O indivíduo morigerado era aquele que defendia o trabalho, a acumulação de capital, comportando-se de acordo com as leis e regras de etiqueta sociais. Os não-morigerados eram aqueles que constrariavam essas regras e constituíam a grande maioria da população (PEREIRA, 1996, p. 5).

Isaias Holowate

essas discussões, quando problematizadas, deixam entrever questões de ordem mais ampla, referentes à aspectos nacionais – de foro social, econômico e/ou político – e/ou, mesmo, internacional, principalmente naquilo que toca os grandes dilemas históricos do século passado, sejam os grandes conflitos bélicos e/ou a implantação de diferentes regimes políticos.

Nesse mesmo período, os códigos de postura buscam regrar as práticas sociais da população, através da ordenação dos espaços urbanos e a busca pelo estabelecimento de normas de controle das ações dos indivíduos (PEREIRA, 1996, p. 6). Ao mesmo tempo, a ordenação da população procurava criar uma identidade cultural de classe média em torno dos discursos progressistas doutrinadores daquele momento, como a ideologia de ciência que se tornava cada vez mais poderosa.

A noção de civilização se afirmaria, principalmente, no caráter desse progresso. É um progresso, em seus diversos aspectos, à moda europeia. A cidade vai surgindo como uma urbe cosmopolita, onde o comércio, a estrada de ferro, o novo arruamento, as construções, os habitantes (sérios, ordeiros, empreendedores) e seus novos hábitos civilizados são elementos denotativos de uma "nova Ponta Grossa" (ZULIAN, 1998, p. 53).

A população burguesa recém-ascendida ao poder ponta-grossense⁹ contava com muitos personagens que defendiam os ideais positivistas. O progresso é associado à ocupação do interior e ao desenvolvimento tecnológico da região. Assim como a chegada da ferrovia, a criação do periódico *O Progresso* – que viria a ser o *Diário dos Campos* – representam, nesse momento, como aponta Chaves (2011, p. 30-31), algo que tendia a ser percebido por alguns grupos da sociedade local, como um importante avanço da cidade rumo à sua modernização.

O aumento populacional significou também um aumento de necessidades de estruturas políticas e sociais capazes de atender às recentes demandas da população. Segundo os colaboradores do *Diário dos Campos*, a estrutura municipal não tinha condições

⁹ Tal como afirma Zulian, é necessário levar em conta que não havia uma homogeneidade de constituição da burguesia ponta-grossense, nem econômica, nem culturalmente. A autora fala sobre a ecleticidade da nova burguesia, composta por elementos da cultura dos fazendeiros do tropeirismo e dos novos industriais. Sobre a cosmovisão da nova classe, ela defende que "enquanto os criadores dos Campos Gerais ainda se definiam como fração regional da antiga burguesia colonial, os novos industriais definiam-se como parte da burguesia universal" (ZULIAN, 1998, p. 41).

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

de arcar com o preço da urbanização, e transformações na estrutura urbana não acompanharam as mudanças sociais, acentuando os problemas no ambiente citadino e tornando as condições de vida difíceis para a maioria da população mais pobre.

Com o crescimento populacional, houve um inchamento da cidade, provocando a multiplicação das tensões sociais. As publicações do *Diário dos Campos* denunciam constantemente a intensificação da criminalidade na área urbana, e os chamados "venenos raciais", como o jogo, a prostituição, o alcoolismo e a vagabundagem. Com uma estrutura sanitária escassa, a cidade era também vítima constante de epidemias de tifo, sífilis e febre amarela. As páginas do jornal constantemente reclamam ações das autoridades em relação aos problemas higiênicos.

A eugenia, em Ponta Grossa, caracterizava-se pela presença de três categorias principais: as políticas de branqueamento, o combate aos "venenos raciais" e a promoção da instrução e do puericulturismo da população (HOLOWATE, 2016). Contudo, pode-se sugerir que a forma com que cada colaborador pensava cada uma dessas a questão da eugenia, é própria, pois cada eugenista defendia práticas de acordo com suas relações na sociedade. Sobre isso Stepan (2005, p. 16) afirma que "como a eugenia foi tanto uma ciência quanto um movimento social [...] fatores políticos e outros fatores cercam seu desenvolvimento e o endosso a teorias genéticas particulares – e as políticas sociais que delas derivaram".

Holowate (2016, p. 41) defende que "as condições culturais da sociedade pontagrossense permitiram a existência, nas páginas do periódico, de representações eugenistas que se baseavam em um amalgamento entre princípios de eugenia mendelistas e neolamarckistas, havendo inclusive uma preponderância de princípios neolamarckistas" e Castañeda (2003, p. 924), aponta que no Brasil "o neolamarckismo, como era conhecido, trazia para a discussão eugênica a herança dos efeitos da reforma social. Ou seja, o meio social poderia modificar a natureza biológica dos humanos". Esses posicionamentos estão em concordância com o princípio defendido por Stepan (2005, p. 82) de que não agradava aos pensadores brasileiros uma teoria eugenista propriamente dura, pautada na hereditariedade biológica das condições superiores da raça, pois isso impedia a ação dos seres humanos para

Isaias Holowate

o melhoramento racial. Nisso o neolamarckismo era bem mais flexível, pois, segundo essa teoria, as ações no meio influiriam no melhoramento da raça (STEPAN, 2005, p. 83), e foi aceito pela maioria dos colaboradores do *Diário dos Campos* que publicaram sobre a eugenia. Porém, o discurso de Martins representa uma exceção e as representações que ele produz apresentam notáveis diferenças em relação aos outros colaboradores.

As representações sobre a eugenia e raça de José Martins Pinto

A eugenia nas páginas do *Diário dos Campos* se caracteriza por uma multiplicidade de representações produzidas. Porém, nas páginas da publicação, a defesa de princípios de eugenia negativa é bastante rara, pois a sociedade ponta-grossense possuía princípios culturais e religiosos – era majoritariamente católica – que não condiziam com um discurso mais restritivo e que defendesse, por exemplo, a eutanásia de indivíduos considerados degenerados¹⁰.

Por conseguinte, o discurso de José Martins Pinto representa uma exceção aos discursos majoritários nas páginas do periódico. Contudo, o fato de essa exceção ter sido publicada significa que interessava ao jornal divulgar também essas representações, mesmo sendo divergentes da opinião da maioria dos outros colaboradores (HOLOWATE, 2016, pp. 55-56). Portanto, o discurso peculiar de Martins em relação ao meio social ao qual fazia parte, defendendo ideais de eugenia negativa e que possui aproximações com o discurso eugenista estadunidense, embora não tão influente, também possuía espaço no âmbito social em Ponta Grossa.

O artigo assinado por José Martins Pinto tem por título "Selecção", no qual o autor, que defende discursos de eugenização da sociedade. Para promover a seleção o autor defende

_

¹⁰ Wegner e Souza (2013, p. 272) apontam a presença de um grupo de intelectuais católicos no Brasil em constante combate aos discursos e práticas de eugenia negativa. A disputa entre o catoliscimso e a "religião eugênica" culminou na publicação pelo Papa Pio XI da bula *Casti connubii*, em 1930. Segundo Stepan (2005, p.135), "a encíclica reafirmava a autoridade da Igreja na esfera da família, do matrimônio e da sexualidade". Wegner e Souza (2013, p.263) apontam entre os eugenistas, a presença de um grupo de pensadores que na década de 1930 "elegeram a religião católica como empecilho para que o Brasil pudesse seguir caminho semelhante, especialmente quanto à resistência à implantação da esterilização dos ditos 'degenerados'" Já Holowate (2016) afirma uma pouca receptividade da eugenia negativa no meio ponta-grossense já nas primeiras duas décadas do século XX.

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

pressupostos da eugenia negativa, tal como a restrição do casamento em grupos aos quais ele supõe serem eugenicamente inaptos. Para restringir a reprodução desses grupos, Martins defende a proibição de casamentos com delinquentes e a exigência da apresentação de atestados de boa conduta eugênica por noivos para a efetivação dos casamentos:

Assim como nos matrimônios exige-se uma certa edade para os conjuges, assim como são prohibidas os casamentos de pessoas unidas por um certo grau de cognação, assim também e com mais razão a lei deveria proibir a união conjugal de pessoas affetadas por moléstias hereditárias. Assim deviam os conjuges apresentar rigorosos atestados passados por juntas medicas. Seria o unico meio de refrear a carreira vertiginosa e devastadora da tuberculose da escrophula e da syphilis e de tantas outras enfermidades que se arraigam fazendo tombar tantas victimas (PINTO, 4 jul. 1914, p. 2).

Martins legitima seu discurso de uma suposta necessidade de seleção matrimonial através de uma comparação com o discurso de exigência de maturidade para casamentos e a proibição dos casamentos consanguíneos. O autor defende também uma necessidade de restrição quanto a casamentos de indivíduos que possuíssem moléstias hereditárias. A palavra "hereditárias"¹¹, caracteriza o ponto principal do argumento de Martins, que nesse ponto, se aproxima do discurso da eugenia estadunidense derivada do discurso de Galton. A preocupação de Martins com a hereditariedade dessas doenças e seu discurso de apoio às restrições tinha por objetivo impedir que o indivíduo passasse suas disgenias para gerações futuras. Sobre a relação entre o discurso de hereditariedade e a eugenia na representação nos EUA do início do século XX, Maciel (1999, p. 121) defende que:

a hereditariedade determinaria o destino do indivíduo, ou seja, as condições de sua vida já estariam dadas de antemão, e seu futuro desenhado ao nascer segundo a classificação de determinados critérios que o colocavam numa

¹¹ Dijk (2010) aponta para a existência de relações entre o acesso à produção do discurso e as relações de poder. Ele afirma que a partir da análise – semântica, psicológica, lexical, e metodológica - é possível realizar uma análise do discurso e das semelhanças presentes entre discursos. A aproximação semântica entre dois dscursos significam uma aproximação de ideias. Nesse aspecto, palavras como "hereditárias" naquele momento social, e naquele ambiente cultural, aproxima-se do discurso de Galton (*vide* citação de Galton), assim como outras palavras comuns ao discurso eugênico, como a comparação da sociedade com uma árvore social, culturismo, venenos raciais, antropometria, homicultura, degeneração racial, entre outras (DIWAN, 2007; SCHWARCZ; 1993; STEPAN, 2005).

Isaias Holowate

categoria "inferior" ou "superior". (...) Justificavam-se, assim, as condições de vida pelas condições biológicas.

Também é notável a aproximação entre os pressupostos sobre a restrição matrimonial presentes no discurso de Martins e o discurso publicado por Newman (1921, p. 477), nos EUA.

Nos Estados Unidos da América, há leis que proíbem o casamento de epilépticos, insanos, alcoólatras, miseráveis, idiotas, defeituosos e aqueles afetados por doenças venéreas. Seria desejável que essas leis não só fossem mais uniformes e difundidas, como também mais rigidamente obrigadas a serem cumpridas.

Já a nomeação das moléstias "tuberculoso, da escrophula e da syphilis" apresenta uma aproximação com os discursos eugenistas brasileiros, pois essas doenças são exemplos bastante comuns no discurso dos chamados "venenos raciais" no Brasil e que constituíam segundo Stepan (2005, p. 92), uma série elementos presentes no meio social que segundo os eugenistas, se apropriados pelo indivíduo, provocariam a sua degeneração racial. Como a degeneração racial poderia ser transmitida para seus descendentes, a presença dos "venenos raciais" causaria a degeneração das futuras gerações e o deterioramento a raça. No Brasil, o "alcoolismo", a "vagabundagem", a "prostituição" e doenças como a sífilis e tuberculose eram considerados como "venenos raciais" e combatidos pelos profissionais da eugenia (STEPAN, 2005, p. 83-84).

Pinto (4 jul. 1914, p. 2) afirma que "cruzando-se pessoas num determinado plano, podemos não só formar populações caracterizadas por elemmentos physicos determinados, como também por determinados caracteres moraes e inttelectuais", defendendo, portanto, a possibilidade de uma eugenização através da seleção artificial pela hereditariedade.

Esse discurso apresenta uma grande diferença em relação ao discurso majoritário sobre a eugenia nas páginas da publicação que se aproximava de um discurso de eugenia amalgamado com o neolamarckismo e que defendia a eugenização, através da atuação no meio social, tal como defende o estudante de Direito e colaborador Flávio Carvalho Guimarães, ao afirmar que:

No momento em que as paixões se esplodem, é um hábito velho condenar a nossa degeneração. Esta existe e funda. Nos costumes politicos, privados, a

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

intolerancia é a norma que seguimos. Falta o remédio para esse mal. É a reação. Reajamos, portanto. Não é um mal hereditário. Ao contrário, todo homem é preso às leis mesológicas. A sociologia é tudo. A Biologia entra como exceção (GUIMARAES, 12 jan. 1916, p. 1).

Portanto, Guimarães defendia uma superioridade das condições do meio no aprimoramento racial, defendendo que os princípios da hereditariedade mendeliana atuariam apenas em situações de exceção no aprimoramento da raça.

Também as representações produzidas por Martins sobre a miscigenação possuem diversas peculiaridades em relação às representações dos outros colaboradores da publicação. Nas páginas do *Diário dos Campos*, a presença de representações defendendo os princípios de branqueamento¹² atendia às necessidades da sociedade local que era multicultural e miscigenada (HOLOWATE, 2016), tendo sido formada pela imigração espontânea ou forçada de diversos grupos¹³.

Ao contrário dos discursos de branqueamento comumente aceitos, o autor propõe restrições à reprodução de supostas "raças inferiores", tal como demonstra essa passagem:

O cruzamento de povos deve ser tido em consideração no sentido de melhorar as raças. É uma lei natural: - O mestiço de uma raça inferior em contato com uma superior ou vice versa é um verdadeiro degenerado, sem caráter, bem diferente de seus ancestrais. Dahi o rigoroso escrúpulo que tem os norteamericanos em não consentir na sua terra a fusão do elemmento branco com o negro (PINTO, 4 jul. 1914, p. 2).

¹² O branqueamento foi uma teoria racial que partia do pressuposto de uma superioridade das raças brancas para defender a possibilidade de embranquecer a população cruzando as populações de outras raças com a branca, pois teoricamente, sendo o fenótipo da raça branca superior ao das outras raças, ele iria se sobressair no cruzamento, dando origem a indivíduos cada vez mais brancos, até que a partir de uma certa quantidade de cruzamentos, toda a população se tornaria branca. Ou seja, contrariamente a versão europeia que pressupunha o cruzamento como um problema, alguns eugenistas brasileiros viam nesta prática a possibilidade de branqueamento racial através da eliminação gradual do elemento mestiço. As teorias de branqueamento receberam suporte com a chegada de milhões de imigrantes no início do século XX sendo que quase a totalidade deles, se instalaram nas regiões sudeste e sul (HOFBAUER, 2006, pp. 172-179).

¹³ A pluriculturalidade da região dos Campos Gerais deve-se a sua formação étnica e cultural diversificada. A região foi ocupada e colonizada por portugueses vindos do litoral, paulistas do norte, tropeiros do sul, culturas indígenas, diversas culturas africanas escravizadas (PINTO, 1980, pp. 46-47) e por uma variedade de populações de imigrantes oriundos de diversas regiões do mundo, formado por Ucranianos, Poloneses, Alemães, Sírios, Japoneses, entre outros (LAMB, 1999, pp. 1-4)

Isaias Holowate

Nota-se que o autor defende um discurso de racismo no Brasil, mas que se aproxima do apoiado nos EUA. Porém, a sociedade brasileira do início do século XX tinha características peculiares, apresentando uma diversidade de práticas culturais, tendo recém-saído da escravidão e possuindo uma sociedade desigual onde o racismo era presente. O discurso de eugenia amalgamado com o racismo é uma caraterística comum no Brasil do início do século XX (SCHWARCZ, 1993), mas esse discurso eugenista com uma aproximação com o racismo dos EUA presente no discurso de Martins é algo incomum na sociedade brasileira naquele período (BLACK, 2003).

O autor apoia-se no discurso de Gustave Le Bon (1841 – 1931), um sociólogo francês, que foi um dos principais pensadores do racismo e da diferença hereditária entre as raças, para defender uma das principais teses da eugenia negativa: a restrição da imigração de grupos considerados inferiores:

A presença de estrangeiros em um paíz, diz o eminente Lebon é o que basta para destruir a alma do seu povo. À emigração é um problema que deve exigir bastante critério por parte das raças supperiores, que não devem admitir em seu seio, populações inferiores, condemnadas a desappareceram para dar origem a um mestiço desmoralisado e sem energia (PINTO, 4 jul. 1914, p. 2).

Ao defender a restrição às práticas imigratórias e a seleção dos imigrantes considerados indesejáveis, Martins busca, restringindo a imigração, impedir a chegada de indivíduos supostamente considerados como inferiores e que poderiam causar uma decrescência da raça. O Sociólogo Weber Lopes Góes (2015, p. 128), ao estudar o pensamento brasileiro sobre a eugenia, também aponta a existência de discursos que defendiam uma

política restritiva no que diz respeito à imigração, para que em nosso território não viessem indivíduos degenerados para estragar os "homens brasileiros". A imigração "promíscua" inflamaria o Brasil de pessoas com doenças transmissíveis obstaculizando a construção de homens eugenizados.

Ainda se utilizando de Le Bon, Martins apresenta uma faceta do racismo científico, que era a discriminação dos indivíduos provenientes das culturas africanas, ao afirmar que "o grande número de mestiços provenientes do elemento africano importado da Guiné e do

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

Congo, é a origem de um sem número de males que acarretam a ruína da República brasileira" (PINTO, 4 jul. 1914, p.2).

Tal como foi observado, a eugenia defendida por Martins apoia-se em diversos princípios da eugenia europeia e norte-americana, ressignificando-os para as necessidades locais. Seu discurso, embora sendo uma exceção em relação aos outros colaboradores do periódico, também possuiu espaço na publicação. A representação produzida por ele sobre a eugenia e raça apresenta divergências em relação ao discurso majoritário na sociedade local e a publicação do artigo assinado por ele onde defende eugenia restritiva e racismo, demonstram a presença da diversidade de representações produzidas sobre o tema no meio social ponta-grossense.

Considerações finais

A publicação de um artigo onde são defendidos pressupostos de eugenia negativa no jornal *Diário dos Campos* ocorre principalmente pela liberalidade do redator Hugo dos Reis, sendo que, após a sua saída em 1921, a diversidade de representações no periódico sofre uma grande diminuição, sem, contudo, deixar de existir.

A defesa de princípios de eugenia negativa no discurso de Martins demonstra uma diversidade de teorias presentes na publicação. Esses discursos não descartavam a presença da eugenia mendelista, mas funcionavam também como um amálgama do neolamarckismo, mendelismo e discursos raciais. Com isso, ratifica-se o que diz Stepan (2005, p.33), ao afirmar sobre as ressignificações da eugenia no Brasil que - "as ideias, mesmo as científicas, são sempre reconfiguradas seletivamente quando cruzam as fronteiras culturais, e o resultado é uma ciência sutilmente conformada pelas tradições locais – culturais, políticas e científicas".

Além da quase inexistência da defesa de práticas de eugenia negativa nas páginas do periódico, também é notável a reação a que essas publicações causavam entre os outros colaboradores. O que nos permite afirmar que discursos defendendo práticas extremas e segregadoras de eugenia constituíam apenas exceções. Nota-se essa reação no caso dos artigos sobre a germanização do sul do Brasil, do médico Francisco Barbosa Maciel, que

Isaias Holowate

defendia uma "germanização" da cultura brasileira. Logo após a publicação do artigo de Maciel, o jornal publicou uma nota em que afirmava que "não precisamos declarar que sob muitos pontos de vista [...] nossa redação se acha em completo antagonismo com este artigo de fundo" (DIÁRIO DOS CAMPOS, 27 dez. 1915, p. 1).

No discurso de Martins Pinto observa-se a presença do uma restritividade à reprodução de determinados grupos, tendo o autor defendido um controle na procriação de indivíduos considerados como disgênicos e que segundo ele, eram inadequados para a evolução da espécie. Segundo ele "Uma das cousas que mais revoltam o bom senso e o homem de carácter é o facto de casamentos de tuberculosos, leprosos, syphilicos, etc. E muitas vezes com pessoas verdadeiramente sãs" (PINTO, 4 jul. 1914, p. 2).

A defesa de princípios de seleção de indivíduos na forma com que é proposta nas representações sobre eugenia e raça de Martins apresentam aproximações com a eugenia estadunidense e europeia sem deixar de possuir vínculos com os discursos sobre a eugenia nacional e local. O autor produz as ressignificações amalgamando diferentes teorias científicas que naquele momento se fortaleciam como ferramentas para explicar o funcionamento da sociedade. Porém, o viés principal de seu discurso e sua principal peculiaridade é a defesa de práticas de eugenia negativa.

Fontes

1.

Diário dos Campos, Ponta Grossa, 01 jan. 1913, p. 1.
______. Ponta Grossa, 27 dez. 1915, p.1.
______. 15 Annos passados. Ponta Grossa, 27 abr. 1922, p. 1.

GUIMARÃES. Flávio Carvalho. Carta aberta. Diário dos Campos. Ponta Grossa, 12 jan. 1916, p. 1.

HOLZMANN, Jacob. 8 Annos. Diário dos Campos. Ponta Grossa, 27 abr. 1915, p. 1

PINTO, José Martins. Selecção. Diário dos Campos. Ponta Grossa, 04 jul. 1914, p. 2.

O Progresso. Ponta Grossa, 27 abr.1907, p. 1.

REIS, Hugo dos. O grupo escolar de Palmas. Diário dos Campos. Ponta Grossa, 9 out. 1915, p.

Eugenia negativa em Ponta Grossa? Uma análise das representações sobre a eugenia no discurso de José Martins Pinto

Referências bibliográficas

BLACK, E. A Guerra contra os fracos. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

CASTAÑEDA, L. A.. Eugenia e casamento. **História, Ciências, Saúde.** Manguinhos, vol. 10(3): 901-30, set.-dez. 2003.

CHARTIER, R. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Lisboa: Ed. Difel, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, vol.5, nr.11, jan/abr. 1991, p. 173-191.

CHAVES, N. B. Entre "preceitos" e "conselhos": Discursos e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953). Tese de Doutorado, Curitiba, UFPR, 2011.

_____; KARVAT, Erivan Cassiano. **Intelectuais, Discursos e Instituições:** as relações entre a História Intelectual (e/ou de Intelectuais) e a História Local (reflexões sobre possibilidades de pesquisa). Anais do VI Congresso Internacional de História. Maringá: UEM, 2013.

DIJK, T. V. Discurso e poder. Hoffnagel, J. & Falcone, K. (Orgs.) São Paulo: Contexto, 2010.

DIWAN, P: **Raça Pura.** Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

GALTON, F. **Hereditarius Genius**. Disponível em http://www.mugu.com/galton/books/hereditary-genius/text/pdf/galton-1869-genius-v3.pdf. Acesso em 14 de março de 2015.

GÓES, W. L. **Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro:** a proposta de povo em Renato Kehl. Dissertação de Mestrado. Marília, UNESP, 2015.

HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HOLOWATE, I. Representações sobre a eugenia no jornal *Diário dos Campos*, 1907-1921. Trabalho de conclusão de curso. Ponta Grossa, UEPG, 2016.

HOLZMANN, E. Cinco Histórias Convergentes. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

JANZ JUNIOR, D. C. A eugenia nas páginas da Revista Médica do Paraná, 1931-1940. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 2012.

LAMB, R. E. **Uma jornada civilizadora:** Imigração, conflito social e segurança pública na Provícia do Paraná – 1867 a 1882. Curitiba: Aos quatro Ventos. 2º Ed. 1999.

LEANDRO, J. A. **Palco e tela na modernização de Castro.** Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR; 1995.

LE GOFF, J.; NORA, P. História: Novos problemas. 1. ed. Rio De Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org). Fontes Históricas. 3º ed. São Paulo, Contexto, 2011.

MACIEL, E. S. A Eugenia no Brasil. Revista Anos 90. Porto Alegre: UFRGS. 1999.

Isaias Holowate

MAI, L. D.; ANGERAMI, E. L. S. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. **Rev.** Latino-am Enfermagem, 2006 março-abril; 14(2):251-8.

MALDONADO, E. C. **Machado de Assis e o espiritismo:** diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896). Dissertação de Mestrado. Assis, UNESP, 2008.

MARTINS, L. A. C. P. Herbert Spencer e o neolamarckismo: Um estudo de caso. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). **Filosofia e História da Ciência no cone Sul.** 3° Encontro. Campinas: AFHIC, 2004.

NEWMAN, H. H. Readings in evolution, genetics, and eugenics. Chicago, The University of Chicago Press, 1921.

PEREIRA, M. R. M. Semeando iras rumo ao progresso. Curitiba, UTFPR, 1996.

PINTO, E. A. A população de Ponta grossa a partir dos registro civil. - 1889 -1920. Curitiba, 1980.

PONTES, F. S.; SILVA, G. Mídia noticiosa como material de pesquisa: Recursos para a pesquisa de produtos jornalísticos. In: BOURGUIGNON, J. A.; OLIVEIRA JUNIOR, C. R. (Orgs). **Pesquisa em Ciências sociais:** interfaces, debates e metodologias. Ponta Grossa. Toda palavra, 2012.

SALEEBY, C. W. **Parenthood and Race culture:** An outline of eugenics. New York; Moffat, Yard and Company, 1909.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, V. S. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul | dez 2008.

STANCIK, M. A. Os jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. **Publicatio UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes.** Ponta Grossa, nº 13(1) 45-62, junho 2005.

STEPAN, N. L. **A hora da eugenia:** raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

THOMAZ, L. C. L. Puericultura: "cultivando" cidadãos mais aptos. São Paulo: **Revista Circumscribere**, v. 14 (2014): 53-62

VIANNA O. Os typos eugenicos. **Boletim de Eugenia**. 1930; março; 2(15):3.

WEGNER, R.; SOUZA, V. S. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde**; Manguinhos, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p. 263-288.

ZULIAN, R. W. A victoriosa rainha dos campos: Ponta Grossa na conjuntura republicana. Ponta Grossa: **Revista de História Regional**; 3(2):37-76, 1998.